VOOS SUSTENTADOS

Filipa Júlio

Simples, intuitivos e selvagens, os gansos são livres de voar, cada um por si, para além do infinito… Porém, nunca se separam do seu bando… São intelectualmente «primários» ou instintivamente sábios? Sabemos, hoje, que ao bater as asas cada ave move o ar para cima, ajudando, assim, o voo da ave de trás e que sempre que um ganso sai do bando sente subitamente grande esforço e resistência… São imagens metafóricas, sementinhas que o *Lideranças Partilhadas* deixou em Chave, freguesia do Concelho de Arouca, que as dinamizadoras Ana Maria Braga da Cruz[85] e Bonina Brandão[86] gostariam de ver germinar em conceitos e valores sociais reformulados.

Palavras-chave: Cuidar, arte, natureza, desenvolvimento eco-social, empoderamento comunitário.

Numa pausa escolhida na atividade de jornalista profissional, após treze anos de experiências diárias na sociedade convencional, respondi ao apelo do ecoativismo que ressoava em mim e procurei, vivendo-as, alternativas de vida, ligadas à Terra e a valores essenciais.

Nesse caminho, pretendendo também conhecer o que se faz por este Portugal, e que dura há já três anos, cruzo-me com a Semente de Futuro[87], Instituição Privada de Solidariedade Social, defensora de princípios biológicos e biodinâmicos e de

85 Jurista, Mestre em Desenvolvimento e Extensão Rural, tem como questões prioritárias a Pobreza, Exclusão Social, violência contra as mulheres e Educação de Adultos/ Mulheres, sendo autora de diversas publicações sobre os temas referidos. Membro da Direção da Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal, membro-fundador de diversas associações, como a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, O Ninho, entre muitas outras. Consultora internacional na área Mulheres/Educação/Desenvolvimento e Família.

86 Jurista com formação e prática em Terapia Familiar. Como técnica da C.I.D.M, de que está aposentada, foi representante de Portugal na Rede Europeia de Formação de Mulheres-IRIS. Coordenou pedagogicamente projetos de formação nacionais e multinacionais. Dentro do programa Petra, criou instrumentos pedagógicos específicos para formação de mulheres. Atualmente, é colaboradora voluntária da Semente de Futuro.

87 http://sementedefuturo.edvdigital.pt.

um desenvolvimento pessoal e social pela Arte, no seu conceito mais amplo, ou seja, como forma de criatividade expressiva nas mais diversas áreas.

Nesse momento dado, em que me inteiro do trabalho realizado nesta instituição, através de conversas informais com os colaboradores e observação pessoal ali vivida, encontra-se a Semente de Futuro em reflexões finais sobre o projeto *Lideranças Partilhadas*. Um projeto que se mistura, como as cores de aguarela, na tela de um espaço onde se percebe a defesa e cumprimento prático de valores ambientais – estampada na atenção dedicada ao meio natural onde se implementa – e humanos, uma vez que estes colaboradores não trabalham para a comunidade, vivem a comunidade, prestando um serviço no atendimento à necessidade de preencher vazios entre os mais idosos, valorizando os seus conhecimentos e motivando a partilha destes com os mais jovens.

Neste contexto, sou desafiada a descrever a implementação do *Lideranças Partilhadas* na Semente, com um olhar jornalístico e aceito o repto de pegar novamente na caneta e no papel em branco para «viajar» um pouco pelas experiências partilhadas por alguns dos intervenientes.

Olhando os rostos, colhendo memórias, perseguindo relatos, monto o mosaico ilustrativo.

Num tempo de mudanças profundas ao nível social e económico, com a crise a invadir a sala de estar dos portugueses, torna-se necessário reinventar conceitos e é esse ideal de mudança que parece pontuar o *Lideranças Partilhadas*. Com vista a promover a Literacia para a Igualdade do Género e a Qualidade de Vida, este projeto incentiva – através de ações concretas e adequadas a cada área de implementação – cidadãos e cidadãs a tomarem parte na construção da sociedade em que vivem: o *Lideranças Partilhadas* está a realizar um trabalho de ação na mobilização da sociedade civil para o empoderamento das comunidades e para a reformulação de conceitos e valores sociais, enquanto exemplo de boas práticas na resposta estruturada à crise atual, lê-se no texto de apresentação desta iniciativa.

E foi neste espírito que o *Lideranças Partilhadas* se implementou na Semente de Futuro, campo de experimentação de novas formas de desenvolvimento pessoal e social em harmonia com a Natureza.

Em dois grupos, formados por 11 pessoas cada, as dinamizadoras motivaram a reflexão conjunta sobre os conceitos que este projeto pretende «redesenhar» a partir das experiências dos próprios intervenientes.

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber que as e os participantes captaram, memorizando elementos dos instrumentos audio-visuais utilizados (o espírito de entre-ajuda dos gansos e o «Tocando em Frente» de Maria Betânia) e também observar as mudanças de enfoque no conceito de liderança daí resultantes.

"Não é haver um que manda em tudo. Eu sou o maior, não! É a entre-ajuda. Eu sei isto, vou ensinar-te; tu sabes aquilo, ensinas-me", recorda a participante de 71

anos, D. A., destacando principalmente a forma como a dinamizadora comunicou durante o trabalho com os pequenos grupos:

> A maneira como se falou e a pessoa [Ana Maria Braga da Cruz] que estava a falar foi muito importante. Não obrigava a nada. Pedia a opinião de todos. Ou seja, era ela que liderava, mas fazia com que todos comunicassem.

Entusiasmando-se à medida que recorda a sua participação, D. A. frisa ainda um desses incentivos promovidos pelas dinamizadoras à comunicação de cada pessoa:

> Pediram-nos para trazer um objeto e contar algo da nossa vida relacionado com ele, que nos tivesse marcado. Então, eu trouxe uma fotografia da minha comunhão solene, pois estava com uma permanente no cabelo. Acharam que eu tinha de ir muito bonita e então levaram a uma cabeleireira, amiga da minha mãe, que vivia em Espinho para me arranjarem o cabelo! (risos) Foi tão engraçado recordar essa situação.

Resultante desses grupos em que a proposta era também "decidir o que fazer aqui [na Semente] e com a vida de cada um", lembra, algumas decisões foram tomadas:

> Decidimos criar um centro para as pessoas conviverem e irmos buscar as que precisam na carrinha para as atividades a fazer, começando por um dia por semana. Também decidimos que íamos pedir uma sala de uma escola que não está a ser utilizada, trocar conhecimentos e ajudar as pessoas.

Sento certo que o empoderamento das comunidades, conceito de fundo do projeto *Lideranças Partilhadas*, só pode ser alcançado com o empoderamento do indivíduo, casos como os de D.L.L., outra das participantes nas sessões realizadas na Semente de Futuro, são apostas ganhas.

A contas com "um problema muito grave", que a impossibilitava de trabalhar e perdida no meio da burocracia, garante que ficaria "louca e teria feito um grande erro", se não tivesse sido "socorrida" pelo grupo de acompanhamento criado no âmbito do *Lideranças Partilhadas*:

> Estava a ficar louca. Foi um problema muito grande, pois vi-me desempregada, com um filho para criar, sem poder mexer. Não havia solução para o meu problema. Não sabia o que fazer. A D.L. ajudou-me muito. Foi ela que me disse da Semente e do projeto *Lideranças*. Ela esteve sempre comigo e naquela reunião na Semente, só para acompanhar o meu caso. Nesse dia veio também a advogada. Fizeram com que eu conseguisse resolver o problema. Foi uma base muito importante. Não tem explicação a ajuda que me deram.

E desta forma D.L.L. dotou-se das ferramentas necessárias ao exercício dos seus direitos enquanto cidadã, ao mesmo tempo que ultrapassou um obstáculo "muito difícil".

"Senti-me aliviada. Senti que podia ser socorrida. Como se estivesse no deserto e alguém me veio socorrer", descreve, no final de uma sessão de pintura na Semente de Futuro, na qual representou o bando de gansos no momento em que um fica para trás, inspirada na história visionada nas sessões:

> Eu sou o ganso que ficou para trás, mas tive o grupo que me foi buscar. E como na canção [Maria Betânia], ando devagar para chegar depressa. Conseguimos atingir os nossos objetivos. Também hei de conseguir tocar a vida para a frente.

Ilustração1: participante representando-se no ganso que fica para trás

O testemunho de D. L. L. atesta, desta forma, a convicção de Bonina Brandão, colaboradora da Semente de Futuro e codinamizadora das sessões, que a atenção à vertente artística e criativa deve constituir um dos principais pilares de intervenção em projetos como o *Lideranças* e na própria instituição a que dedica o seu trabalho como voluntária.

> Falo de arte, no sentido de vivência artística, como componente essencial duma metodologia. Não se trata de aprofundar o que é e não é arte ou de definições académicas. Fundamental é, por exemplo, a convicção de que, na senda de Schiller «só pela aurora da beleza podemos penetrar o país do

> conhecimento». Por isso sempre tentamos acrescentar um pouco de beleza às coisas simples da vida. Cuidamos o ambiente da sala, que também é atelier de pintura, cuidamos a escolha dos filmes e música, cuidamos os detalhes das posições várias, cuidamos a nossa autenticidade harmónica nas intervenções, cuidamos a reflexão e interiorização que levem à possibilidade de realização artística de cada participante,

descreve, para frisar:

> Cuidamos a expressão dos pensamentos e sentimentos avaliativos através do desenho dinâmico, útil a todos e fundamental para os menos alfabetizados. Todos podemos viver uma forma de expressão mais autêntica e sentida porque o impulso transmitido à mão/lápis tende a ser muito verdadeiro. Assume-se ainda uma metodologia reflexiva, em que a reflexão/meditação nos permite preservar o caminho do silêncio para chegar ao conhecimento do essencial. O ambiente de natureza e calmo onde a Semente se integra favorece esse silêncio.

Ao nível do seu caminho de desenvolvimento pessoal, Bonina Brandão refere que a ajuda do *Lideranças* foi fundamental, começando pela formação de dinamizadoras e dinamizadores, onde reencontra "Luiza Cortesão, referência formativa e afetuosa também, para além dos reencontros gostosos vários, o conhecimento de toda a nova equipa do projeto e das parcerias transnacionais".

Da experiência internacional, recorda especialmente o fim de semana sobre Comunicação Não-Violenta e Intervenção pela Arte, de Jaennette Claessen, que lhe reforçou "o gosto e entusiasmo da preparação cuidada e criativa dos workshops, sempre com vivências inesperadas...".

"Há sempre achegas preparadas… Recordo a dica de Jaennette Claessen sobre a obrigação moral que tem quem faz intervenção de procurar para si própria os grupos de reflexão aprofundada, facilitadores de inspiração e criatividades", sublinha.

O decorrer dos módulos e a experiência de codinamização foram bastante marcantes para a dinamizadora, conforme é percetível no entusiasmo das suas descrições:

> Não sei se é pecado (risos), mas recordo momentos de verdadeiro deleite estético na sintonia de entendimento das dinâmicas na experiência de codinanização com Ana Maria Braga da Cruz, que biograficamente foi sempre para mim uma referência e com quem posso conversar ou até discutir quase sem palavras. Foram vividos momentos de uma dignidade e estética que só vivências muito autênticas proporcionam. Quando olhava o que estava a decorrer, assim de mosca, num segundo grau de apreciação, enquanto outra liderava, vinha-me uma imensa gratidão por me ser permitido participar em

> tão bela peça! Sempre que se introduziu a máquina de filmar, não houve especial perturbação e pode bem confirmar-se o que digo! Parece-me que assim nos aproximamos do «tal artístico», com todo o Cuidado!

Esta aproximação ao artístico, procurada aos diversos níveis descritos por Bonina Brandão, toma uma realização prática, todas as semanas, na sala da Semente de Futuro, onde participantes de idades e formação académica muito diferentes se deixam envolver no processo da pintura.

Num espaço onde, como salienta a psicóloga clínica e terapeuta artística, "se ressalta a importância do trabalho com o outro, o aprender com o outro", conceito que parece bem vincado no *Lideranças*, a integração do novo grupo saído do projeto na atividade de pintura que existe há quatro anos aconteceu de forma "muito fluida".

"Este grupo tem muito que ver com o convívio. Percebe-se que algumas pessoas estão isoladas e deprimidas e, por isso, gostam de muito de falar umas com as outras. A intenção é tirá-las desses contextos", frisa.

Também eu, convidada a participar, me entreguei a esse processo de criatividade que cresce entre pinceladas e conversas de entusiasmo, apreciações e desmitificações do conceito de pintar, visível depois nos resultados deveras surpreendentes. As manchas de cor que preenchem as folhas antes em branco, colocadas em frente ao que eu chamaria potenciais «artistas da alma», parecem vindas bem lá do seu interior. A meu lado, de resto, e sem pretensões psicoanalíticas, admiro o que me parecem mágicas viagens interiores daqueles a que poderíamos chamar, se deixados cair em «pré-conceitos» convencionais, «leigos e leigas».

Observei como os estados de alma se alteram a partir do momento em que os participantes se reúnem e alguém dá o mote para o início das atividades. Nesta sessão, as tintas são preparadas ao som de vozes que, «sorridentes», entoam canções antigas acompanhadas pela guitarra.

Com o cancioneiro de Arouca nas mãos, já enriquecido pelas versões locais da freguesia de Chave, o coordenador da Semente de Futuro vai anotando os novos versos que as senhoras recordam, à medida que cantam.

E, no final, "os medos de não serem capazes de fazer algo bonito são ultrapassados" e as pessoas "percebem que afinal até conseguiram, auto-realizando-se", como destaca a terapeuta, para concluir:

> Com a entrada de novos elementos, os membros mais antigos tomam também consciência das próprias autolamentações anteriores, por espelhamento. E o facto de esta ação se desenvolver junto da Natureza resgata, de algum modo, na minha opinião, de forma positiva o passado rural e agrícola da maior parte destas pessoas, considerado um trabalho menor anteriormente.

Parece-me claro que a existência de ações que permitam a manutenção de uma dinâmica social num espaço de partilha de saberes e participação em novas experiências aumentou a qualidade de vida das pessoas, que mostram o desejo de ver aumentar o número de encontros.

D.L, uma das participantes no *Lideranças Partilhadas* que se tornou uma das líderes naturais de um grupo de convívio com idosos, surgido no seguimento do módulo deste projeto, considera "esta nova forma de liderar uma necessidade saudável".

Levantada a problemática, por outros membros do grupo, durante o módulo do projeto, relativamente aos idosos com necessidade de convívio, mas impedidos de se deslocarem pelos seus próprios meios, D.L. ofereceu-se para conduzir a carrinha da Semente de Futuro, alternando com um elemento da Semente.

E é dessa solidariedade "natural", define, que surge "uma liderança que só vem do desejo de servir". Depois de vários anos a trabalhar na costura, liderando uma «equipa» de costureiras em casa, foi, aos poucos, "ficando sozinha" por força das circunstâncias, tendo "renascido" com as vivências que lhe são proporcionadas nesta instituição:

> É bom partilhar o que aprendemos e também aprender outras coisas ou completar conhecimentos com o que outras pessoas nos transmitem. Por outro lado, ajudou-me a perceber que aos 50 anos já não temos a mesma força, a mesma saúde, por isso não podemos fazer as mesmas coisas de quando tínhamos 20 ou 30 anos, mas podemos fazer outras, também importantes. Se calhar, até com uma mentalidade melhor: antes era só trabalho!

A pintura é outra das atividades em que participa com grande entusiasmo. Faz o orgulho da filha, estudante universitária, desvanecida de reconhecer na sua mãe uma artista. Porém, para D.L. a magia passa pela evasão que esta atividade lhe permite:

> Gosto muito. Esqueço completamente o que está à volta. Entro mesmo profundamente naquilo que estou a fazer. Não ouço nada, nem ninguém. E todo o trabalho para mim agora é assim: só com gosto e entusiasmo!

Em idade madura, integra todas as sessões de acompanhamento aos idosos e também no acompanhamento esporádico de casos difíceis de gente mais jovem, descrevendo uma dessas sessões como extremamente feminina, já que ao longo da conversa entre as mulheres técnicas e a mulher apoiada, foram praticadas artes manuais. No fim havia resultados visíveis.

"Nós, mulheres, sabemos aproveitar todo o tempo. Eu cá por mim não consigo estar sem fazer nada!", remata.

D.T. é uma das principais impulsionadoras do grupo de convívio sénior saído do módulo do *Lideranças Partilhadas*. Vivaz e dona de uma lucidez e dinâmica invejáveis para os seus 81 anos, responde de pronto quando instada a comentar as

atividades: "Não existe nada nesta zona para ocuparmos o tempo. Se não fosse a Semente, não tínhamos nada. Havia de ser todos os dias".

Antiga costureira mostra-se "contente" por poder praticar as suas artes nos trabalhos em lãs, lanternas e feitura de bonecas, destacando ainda a "pintura" e os "cantares à moda antiga": "Gosto de estar ativa. Não quero estar sentada, sem ninguém para falar. É muito bom ensinarmos e aprendermos. Faz muito bem à Saúde".

Planeia ainda integrar um grupo de folclore em preparação na freguesia. A propósito, recorda:

> Participei no Teatro de S. Martinho e não faltei a um único ensaio. Na festa, dancei com a vice-presidente da Câmara, até ficámos tontas. Eu, quando era nova, dancei no Rancho Folclórico de Chave! Não quero estar isolada. Sempre trabalhei muito com pessoas. Na escola primária apanhei muito bolo e nem merecia… agora tem a Semente que lutar para nós irmos para lá, andam a tratar com a Câmara e a Junta. E agora não é para apanhar bolos, é para comer bolos. É o que precisamos agora… E pode haver outros sítios como disse o presidente da Junta na reunião connosco na Semente, mas a gente gosta daquele.

Depois de ter frequentado as formações do *Lideranças Partilhadas*, E.S., de 29 anos, considera "fundamental" apreender esse novo conceito de liderança: "Aprendi a gerir melhor os meus conhecimentos e a delegar mais as coisas, o «poder». Não podemos levar uma pedra de 500 quilos sozinhos, temos de pedir ajuda".

Na sessão do *Lideranças*, propôs-se criar uma ficha para levantamento dos idosos da zona interessados em reunir na Semente, respondendo assim à inquietação levantada por outras pessoas do grupo relativamente à solidão de idosos vizinhos. "Afinei a ficha com a ajuda da Dra. Ana Maria. Depois adoeci e não pude trabalhar com a D. Adélia, que também não gosta muito de fichas", descreve.

No futuro, espera "poder ajudar mais noutros aspetos, estar com as pessoas, transmitir certos conhecimentos e aprender outras coisas", arriscando dizer:

> Se calhar, aprendo muito mais do que ensino. As pessoas idosas têm muita sabedoria. Em certas culturas os anciãos são os que têm mais sabedoria. É fundamental ter um papel de liderança no sentido de partilhar conhecimentos.

Também para E.S., "foi muito importante ver o *powerpoint* que fala sobre os aspetos de gestão da vida e da liderança e o voo dos gansos" e explica porquê:

> Sinto-me com mais iniciativa na vida. É mesmo como diz a Maria Betânia no filme que vimos: «É preciso andar sempre, tocando em frente». Os mais velhos andam mais devagar porque já passaram por mais coisas e estão mais calmos. Nós, os mais novos, às vezes queremos andar depressa demais.

D.A. uma das pessoas mais conhecidas na aldeia pelo seu trabalho na paróquia,

descreve a sua preocupação com a demora na atribuição das instalações da velha escola pedidas à Câmara pela Semente para o grupo sénior.

Sobre o módulo, considera que "as ideias ficaram um pouco baralhadas", perguntando:

> O que se faz e quem é que decide depressa? Afinal, será melhor os idosos fazerem todos a mesma coisa. Não dá para cada um fazer o que gosta, senão pode haver confusão e nunca mais se faz nada. É preciso tocar as coisas para a frente.

Não obstante as dúvidas levantadas, admite que "o grupo ficou a funcionar, há quem vá buscar e levar as de mais longe" e salienta um desejo que garante ser partilhado por mais seniores: "Era bom que fosse mais dias por semana. Na sala da escola virão outras pessoas".

José Brandão Pedro[88], que disponibilizou os terrenos e instalações onde funciona a Semente, é coordenador e afincado trabalhador nas diversas áreas, falando com apreço do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto, apesar de ser a agricultura a sua mais prezada ocupação:

> Considero que a área agrícola é a base de aprendizagem com a Natureza, necessidade natural em qualquer zona, e facilitadora de projetos vivos, saudáveis e sustentáveis. E reforço Vivos porque o respeito pela vida e suas leis naturais deverá ser matriz também para a componente social.

Formando em alguns dos módulos do *Lideranças* dirigidos a dinamizadores iniciais, recorda "especialmente o Módulo sobre aprendizagem pela conversa e intervenção pela arte, orientado por Jeannette Claessen, do projeto Mosaica", para realçar que "pela arte se alcança mais seriamente o mundo do conhecimento e pela arte se reforça a vontade, a capacidade para agir".

"Estas formas de intervenção estão nas aspirações da Semente, por serem garantes de processos sérios, verdadeiros e corretos", destaca, para comentar ainda as sessões do *Lideranças* em que participou, na Semente: "Tive a oportunidade de tratar a questão da liderança de forma horizontal, agradável e simples com os demais participantes".

Como exemplo, salienta "a experiência de integrar desde o início uma decisão coletiva de formar um grupo de convívio para seniores, aspiração que tinha já sido expressa noutros grupos".

> Duas pessoas, uma das quais eu próprio, ofereceram-se para transportar as pessoas mais velhas e de mais longe na carrinha da Semente; outras duas

88 Advogado, pós-graduado em Gestão pela Universidade do Porto. Membro-fundador de associações diversas na área da ecologia social, sendo a mais recente a Semente do Futuro. Agricultor a tentar partilhar a liderança, desta área e das restantes, na Semente.

> ofereceram-se para os levantamentos – um mais na informática – e produção de fichas, outros mais na procura de registo das situações. É um começo… não o fim do processo. Sublinharia a participação livre das pessoas na definição das suas necessidades e na maneira de lhes dar resposta. Muito mais haveria a dizer sobre a liberdade, pois sem ela não pode semear-se qualquer futuro,

remata.

Ana Maria Braga da Cruz, apesar de se verificar o impacto positivo da sua intervenção – em relatos de participantes e pela apreciação da codinamizadora –, não esconde a sua insatisfação com a falta de continuidade deste tipo de ações.

Referindo Maria de Lourdes Pintasilgo, defende o ideal de "transformar cada lugar de decisão num locus vitae, restaurar a vida e aceitar o desafio da civilização em que vivemos". Definindo-se como "pragmática e objetiva por temperamento", mostra reservas quanto ao resultado:

> Não consigo afirmar honestamente se esse desígnio que seria (é) o meu nas aventuras em que me meto foi conseguido ou está a ser conseguido em Chave. Faltam-me dados que permitam utilizar algumas ferramentas para medir o impacto quantitativo, mas sobretudo qualitativo do pequeno apoio que fui chamada a dar. Falta-me sobretudo uma ligação estreita com as pessoas com quem tentei estabelecer alguma ligação que durou escassas horas. E assim, ao longe – geograficamente e também afetivamente – sinto que não serei justa nem objetiva nas minhas apreciações.

Convicta de que a "formação/reflexão deve ajudar as pessoas a superarem a sua identidade e a transformar o meio em que vivem", questiona: "Ajudei a que aquelas pessoas restaurassem a vida…ou só abalei vidas? Descobri com elas novos desafios de civilização… ou apontei quimeras mas não fiz um caminho comum?". Para a codinamizadora, "a ordem social não muda quando só o indivíduo muda", pelo que "a análise – e denúncia – dos fatores sociais constitui uma vertente social dos programas de formação/conscientização para o desenvolvimento".

> Para restaurar a vida será, julgo eu, necessário ir mais longe que um grupo de reflexão. Para alterar a realidade dos quotidianos, há que construir lideranças pensadas, estruturadas por planos elaborados, planeados e executados pelos participantes… O apoio na retaguarda será útil e necessário. A suspensão de tal apoio será uma «traição». As sessões de formação em que colaborei não permitiram aprofundar essa vertente. É minha convicção profunda que à pura análise individualista e ao esforço de crescimento pessoal se tem que somar uma aprendizagem no sentido da leitura da realidade social e política circundante. Com este grupo, não consegui chegar a esse ponto – mas com mais tempo, e maior proximidade, por certo outros (as) conseguirão,

acredita.

Para que estes processos sejam vivos e coerentes, é, na sua opinião, "importante estabelecer relacionamentos afetivos, profundos e libertadores":

> Os processos de libertação podem ser vários. Não afasto a possibilidade de alguma libertação terapêutica na construção de lideranças libertadoras. Mas aposto muito na reflexão/análise em grupo a partir do olhar sobre o contexto social e não só psicológico/individual. A expressão "caridade da razão" agrada-me muito porque apela ao reconhecimento dos direitos e à sua defesa, com uma dimensão crítica que não se pode quedar em álibis de pequenos remendos que possam entreter as nossas angústias existenciais. Não quero (não posso, não consigo) dar pequenos soporíferos às pessoas. Uma formação para o desenvolvimento tem que ser longa, contínua e paciente. A minha distância do grupo não permitiu isso.

Instada a comentar os traços que gostaria de ver reforçados nas pessoas, diz não ser essa a sua perspetiva ou sonho, "gostaria sim que elas os descobrissem, porventura, através de desafios" por si lançados:

> A caminhada é longa e não sei medir os passos eventualmente já dados porque não tenho elementos para os medir através de ferramentas possíveis de inventar. Acredito – e luto – por lideranças humanizadas. Espero que em Chave um dia isso se atinja. Há desejos nesse sentido, o que constitui uma grande esperança.

É essa esperança que Bonina Brandão quer manter, considerando positiva a implementação do *Lideranças Partilhadas* em Chave:

O saldo de todo o projeto, com todas as suas limitações a que se juntaram principalmente as nossas/minhas, constituiu um impulso à correção dos processos e à transformação pessoal e grupal que marcará a vida da Semente. Aliás, diz muito bem com o lema que por aí anda nos rótulos dos nossos produtos transformados, ainda incipientes, mas que tanto nos ocupam: «Transformamos, transformando-nos, cultivamos, cultivando-nos, visando a sustentabilidade do projeto social».

Ao longo da elaboração deste artigo, chega a notícia de que a tão desejada sala para as atividades do grupo sénior já foi atribuída à Semente do Futuro.